

## **A FORMAÇÃO DOCENTE E O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA (PIBID) – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maristela Gonçalves Giassi<sup>1</sup>  
Ana Paula Rabello Gonçalves<sup>2</sup>  
Aline de Jesus<sup>2</sup>  
Anice Cardoso Machado<sup>2</sup>  
Daiane da Silva Gomes<sup>2</sup>  
Daiele Bendo Pagnan<sup>2</sup>  
Eliane da Silva Souza<sup>2</sup>  
Fernanda Silveira Martins<sup>2</sup>  
Maiule Neves Antunes Benincá<sup>2</sup>  
Melody Matias Luzziatti<sup>2</sup>  
Vanessa Anflor Velho Cardoso<sup>2</sup>

### **Resumo**

Hoje fala-se muito na formação do professor e nas deficiências que o acompanham, mas pouco temos conseguido realizar para mudar esse panorama. Assim o espaço proporcionado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, visando o aperfeiçoamento e a valorização da docência é para os licenciando um momento enriquecedor na sua formação profissional. Desse modo este artigo apresenta um relato de experiência vivido por acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da Unesc como bolsistas do PIBID destacando as atividades do Clube de Ciências. Os resultados apontam crescimento pessoal e profissional gerando satisfação por parte de todos os envolvidos no processo.

**Palavras-chave:** PIBID. Ensino de Ciências. Clube de Ciências. Formação docente.

### **Introdução**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), é uma iniciativa desenvolvida pelo Ministério da Educação e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e Coordenadora do PIBID de Ciências Biológicas. E-mail: [mgj@unesc.net](mailto:mgj@unesc.net).

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Ciências Biológicas da UNESC e bolsistas do PIBID.

Universidades de todo o país, voltada ao aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica. Nele os acadêmicos dos cursos de Licenciaturas passam a ter contato com escolas das Redes Públicas Estadual e Municipal de sua região vivenciando a sala de aula. Neste sentido a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), firmou parceria com a CAPES, envolvendo 5 cursos.

A área de Ciências Biológicas conta com 10 acadêmicos deste Curso e desenvolve seu Projeto na Escola Municipal de Ensino Fundamental Érico Nonnenmacher. Nesta área, o PIBID tem como objetivo vivenciar o ensino de Ciências na escola e na sala de aula. Visa também proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes criativas com vistas a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

Para alcançar os objetivos acima, os bolsistas de Ciências Biológicas dedicam 08h semanais, sendo 4h na escola para observações em sala de aula e atividades junto ao professor titular de turma e mais 4h para o planejamento de atividades a serem desenvolvidas na escola, leitura e discussão de artigos científicos e trocas de informações. As experiências vividas são compartilhadas por todos os bolsistas nas reuniões, momento em que relatam como ocorreu sua vivência na escola naquela semana e trocam informações com base na experiência vivida e nas leituras e discussões realizadas nas horas de atividades na Universidade.

Na escola os bolsistas realizam atividades como: Observação da turma e das aulas ministradas pela professora de Ciências; preparo de atividades especiais relativas aos conteúdos tratados pela professora; contribuições nas aulas utilizando os materiais didáticos previamente preparados; participação em reuniões da escola e em atividades extraclasse; dinamização do Clube de Ciências, entre outros, procurando vivenciar a experiência de ser professor.

Na maioria das aulas, após uma troca de ideias com a professora de classe, os bolsistas procuram desenvolver atividades diferentes para aplicar em sala de aula visando trabalhar com os conteúdos de Ciências de uma forma diferenciada para garantir a aprendizagem. Neste cenário o espaço proporcionado pelo PIBID é para os licenciandos um momento de enriquecimento na sua formação profissional, até porque hoje fala-se muito na formação do professor e nas deficiências que o acompanham, mas

pouco temos conseguido mudar no processo de formação. Assim entende-se que o PIBID, pode contribuir neste processo, haja vista a oportunidade de o acadêmico vivenciar este espaço escolar, sendo acompanhado primeiramente pela professora da classe, lá na escola, depois, na universidade, por um professor da graduação que os acompanha e orienta nos trabalhos decorrentes da vivência na escola, conseguindo ampliar as dimensões teórico-práticos neles requeridos.

Neste sentido Tardiff (2000, p. 19), observa que o sistema de ensino estabelecido com base na lógica disciplinar é regido por “questões de conhecimento e não por questões de ação.” Para o autor:

Em uma disciplina, aprender é conhecer. Mas, em uma prática, aprender é fazer e conhecer fazendo. No modelo aplicacionista, o conhecer e o fazer são dissociados e tratados separadamente em unidades de formação distintas e separadas. Além disso, o fazer está subordinado temporal e logicamente ao conhecer, pois ensina-se ao alunos dos cursos de formação de professores que, para fazer bem feito, eles devem conhecer bem e em seguida aplicar seu conhecimento ao fazer.

Para o autor esse fato se reflete no momento de atuação do professor, que vai para a escola realizar a sua função com os conhecimentos que adquiriu em quatro anos de Licenciatura e mais todo o tempo de sua vida escolar, algo em torno de 16 anos, da mais pura forma tradicional de ensinar introjetada na sua forma de ver a função do professor.

Neste sentido pesquisadores como Maldaner (2007), Carvalho e Gil Perez (1998), Carvalho (2000), Fourez (2003), Silva e Schnetzler (2006) e Carvalho et al. (2007) apontam, algumas necessidades e limitações quanto à efetividade dos cursos de licenciatura na preparação de futuros professores para atuarem no ensino fundamental e médio. Entre as razões, os autores observam que os professores de ciências desconhecem o que as pesquisas e inovações didáticas vêm trazendo, hoje como fundamentais para o desempenho adequado da função de professor. Ou ainda, conforme Schnetzler (2002, p. 211), devido a formação mais técnica que pedagógica, “os futuros professores, ao final de seus cursos de licenciaturas, veem-se desprovidos de conhecimento e de ações que lhes ajudem a dar conta da complexidade do ato pedagógico, ao qual não cabem receitas prontas nem soluções padrões.” Essa concepção de formação docente, promove nos futuros professores uma visão simplista de docência e que precisa ser desmistificada.

Complementando, Tardif (2000, p.12) advoga que “a prática profissional nunca é um espaço de aplicação dos conhecimentos universitários. Ela é, na melhor das hipóteses, um processo de filtração que os dilui e os transforma em função das exigências do trabalho”. Para o autor, é na relação com a realidade escolar e na vivência diária da função docente, que a sua formação é consolidada.

Assim a importância do Pibid na vivência desse cotidiano escolar, seu confronto com o conteúdo recebido na sua formação e as reflexões proporcionadas pelos encontros após a ação realizada na escola pelos bolsistas, contribui para oferecer essa possibilidade de construção de uma prática docente diferenciada.

Dentre os reflexos desse olhar já diferenciado dos acadêmicos bolsistas de Ciências Biológicas e diante das proposições já surgida de sua vivência, queremos destacar neste artigo o “Clube de Ciências”.

Um Clube de Ciências é definido por autores como Longhi e Schroeder (2012), Menezes e Schroeder (2011), Santos et al. (2010) e Mancuso (1996) como um espaço pedagógico com possibilidades de estudos científicos que possibilita a construção/produção de conhecimentos, além de grande integração com a comunidade cujos participantes são envolvidos em clima de cooperação e solidariedade. Para os autores, os Clubes podem se transformar em uma boa alternativa para aprimorar o ensino de ciências nas escolas das diversas Redes e se transformar também em um importante meio de divulgação do “fazer ciência”, despertando a curiosidade e o interesse de crianças e jovens pela ciência.

Cientes dessas oportunidades de aprendizagem e estímulo ao desenvolvimento do conhecimento científico, foi criado na E. M. Erico Nonnemacker, um Clube de Ciências pelos acadêmicos bolsistas de Ciências Biológicas do Pibid da Unesc, visando construir com a escola e a comunidade, mais este espaço, em que os alunos pudessem participar ativamente e se aproximar ainda mais do mundo da ciência e da criatividade.

Os encontros do Clubinho (como é carinhosamente chamado) ocorrem nas sextas-feiras, com duração de duas horas, no período vespertino. Estão envolvidos alunos de 6º ao 8º ano do ensino fundamental. Como o número de alunos é alto e a sala é pequena, o Clube foi dividido em dois grupos os alunos, as turmas de 6º ano, em uma

sexta feira, e na seguinte as turmas de 7º e 8º anos, sendo, portanto encontros quinzenais com cada grupo de alunos.

Inicialmente conversou-se com a equipe gestora e professores, posteriormente foi enviado bilhete solicitando a autorização dos pais dos alunos para que estes pudessem frequentar o Clube de Ciências no contraturno de suas aulas. As atividades nele desenvolvidas são pensadas nos encontros do grupo de bolsistas que ocorrem na Universidade e às vezes na própria escola. Os primeiros encontros foram organizados pelos acadêmicos propositores do Clube e nos encontros seguintes, foram ouvidas as sugestões dos alunos e assim continuam sendo desenvolvidas as atividades voltadas para a realidade e iniciativas do grupo.

Para registrar os conhecimentos adquiridos nesses encontros os alunos produziram um caderno que chamaram de “científico”, criando capas criativas e personalizadas com produtos naturais como folhas secas, sementes, flores, e outros. As atividades desenvolvidas no Clube, costumam ser registradas pelos bolsistas por meio de fotos e as vezes filmagem.

Segue abaixo alguns exemplos de atividades realizadas no Clube de Ciências que resultaram em aprendizado e satisfação das crianças e dos bolsistas na sua realização:

### **1) Estudo dos Fósseis**

**Objetivo:** despertar nos aluno o interesse pelos fósseis.

Para motivar o interesse dos alunos pelo tema foi apresentado um *PowerPoint* (ppt) mostrando as várias fases do seu processo, desde a formação do fóssil, sua descoberta, processo de resgate até seu estudo final.

**Na primeira etapa** da atividade, visando simular o processo de formação de um fóssil (soterramento), utilizou-se peças indicando desde animais inteiros até vestígios como partes deles – ossos, dentes, penas, fezes, pegadas e também de plantas como folhas, flores ou qualquer outro tipo de vestígio que a sua criatividade imaginar.

**Materiais necessários** para esta etapa: copos plásticos, gesso, óleo de máquina, argila, folhas de árvores coletadas ao redor da escola, as miniaturas de bichinhos de plásticos de sua preferência (dinossauros), fezes, dentes, etc.

### **Modo de fazer**

**Gesso:** em um pote coloque um pouco de gesso e vá acrescentando água até ficar uma consistência homogênea. Observação: primeiro tenha os moldes em mãos e depois a massa de gesso, pois ela seca com muita facilidade.

**Argila:** em um copo plástico coloque um pouco de argila no fundo do pote (precisa ficar uma superfície bem lisa) e depois acrescente um pingo de óleo de máquina para untar o local a ser moldado.

Para fazer o fóssil de folhas é necessário passar óleo de máquina sobre toda a sua superfície, pois ajuda na hora de quebrar, em seguida coloque sobre a argila e aperte um pouco para marcar bem as nervuras e por fim é só colocar o gesso. Deixar secar.

Para os dentes de cavalo ou outros: mesmo processo, apertar dentes sobre a argila para fazer o molde e retire, em seguida colocar óleo sobre toda a superfície (lembre de untar com o óleo todas as peças) e por fim coloque o gesso. Mesmo processo com as patinhas dos animais e para os demais itens a serem fossilizados. Deixar secar.

Depois de seco é indicado colocar em uma estufa ou forno, dessa forma a argila quebrará mais fácil. Depois desse processo é só quebrar de leve a camada de argila com o auxílio de uma tesoura ou uma faca, então os fósseis estarão prontos. Para dar mais realismo a tarefa e colocar em prática o processo de escavação, o professor deve enterrar “os fósseis” em um local onde possa levar seus alunos para que eles tenham um dia de paleontólogo.

Leve todos os instrumentos que usará: Pinceis; Cordões para isolar a área onde está o seu sítio arqueológico (de preferência aquelas fitas plásticas usadas em casos reais com as cores preta e amarela para dar mais realismo ao processo); pano ou plástico para colocar os materiais desenterrados; caixas para acomodá-los no transporte; colheres ou espátulas para iniciar a escavação. Lembre-se de orientá-los a ter muito cuidado na escavação para não danificar as peças. Lembre-se também de fotografar as atividades realizadas! Todos gostam de curtir as fotos depois!

**Observação:** Pode-se realizar antes da atividade ou ao final dela, uma sessão de cinema com um vídeo do “Indiana Jones” ou um documentário sobre o tema.

## **2) Jogo interativo: Problema e Solução**

**Objetivo:** Problematizar com os alunos questões sobre diversos fatores que causam poluição e destruição do meio ambiente.

### **Desenvolvimento**

Esta atividade foi realizada com as duas turmas de sextos anos, chama-se “Jogo interativo: Problema e solução”. Este consiste em 28 cartelas de cor vermelha com um problema que causa poluição no meio ambiente em cada uma delas e 28 cartelas na cor verde com as respectivas soluções para cada problema.

Os alunos agruparam-se de dois em dois e cada dupla recebe uma cartela com um problema, a seguir cada dupla procura uma solução para o problema proposto e a escrevem num papel.

Após todos acharem uma solução ao seu problema, os alunos expõem suas questões em um painel e dizem qual a solução proposta. Depois é exposto, no mesmo painel, a solução escrita na ficha verde, para assim poderem comparar as respostas. O professor deverá encaminhar a discussão e a finalização da mesma. Especialmente se houver soluções interessantes que não estejam contempladas nas respostas das cartelas.

Esta atividade pode ser variada conforme o professor desejar. Pode-se, por exemplo, dividir a turma inteira em dois grupos. Um dos grupos fica com parte dos problemas e parte das soluções, o outro grupo também, para que todos tenham a chance de participar tanto dos problemas como das soluções. Os temas nas cartelas também podem ser de acordo com a necessidade do professor.

### **3) Estudo do Vulcão**

**Objetivo:** Realizar uma atividade motivadora para o estudo de vulcões destacando aspectos sobre Formação e Estruturação do Solo; Formação da lava vulcânica; Camadas da Terra, Placas Tectônicas, etc..

#### **Desenvolvimento**

Primeiramente planejamos a atividade em grupo para que conseguíssemos elencar os principais pontos a serem abordados no Clube de Ciências. Posteriormente foi elaborada uma pesquisa bibliográfica para que os termos científicos fossem destacados e estruturados dentro do conteúdo a ser mediado aos alunos.

Assim, com os alunos divididos em grupos, iniciamos uma discussão sobre o que é um vulcão usando imagens em data show. A partir delas partiu-se para a próxima parte do trabalho com a elaboração da maquete de um vulcão.

#### **Materiais usados**

Uma folha de isopor (as mais grossas dão melhor estrutura para a base do vulcão); Uma garrafa de vidro tipo long neck; Jornais e/ou revistas usados; Fita adesiva; Argila (aproximadamente 500g); Vinagre de álcool; Permanganato de potássio; Bicarbonato de sódio; Corante vermelho (anilina ou outro); Detergente; Toalhas de papel; Tinta guache.

**Para decoração** na base do vulcão – o que a criatividade mandar, por exemplo: bichinhos de plásticos, musgos e gramíneas, pedaços de galhos, folhas, flores, pessoas/bonequinhos plásticos, etc..

**Preparo:** A placa de isopor, de aproximadamente 0,50 centímetros por 0,50 centímetros foi usada como crosta terrestre. No seu centro, foi colocada a garrafa de vidro 355ml (long neck), com o gargalo fino para cima, indicando o cume e a boca do vulcão. (Sua fixação acontece com a cobertura de argila).

Com jornais e revistas foram feitas bolas de papel para que fossem colocadas em volta da garrafa de vidro, estruturando o vulcão. Estas bolas foram fixadas com fita adesiva, formando as paredes/estrutura do vulcão.

Foi colocada a argila de floricultura sobre as bolas de jornal ou revista. (Lembre-se de que é necessário amolecer a argila para torna-la maleável o suficiente a fim de espalha-la adequadamente sobre as bolas de papel).

Depois da argila já acomodada sobre o vulcão, foi criado um ambiente natural em seu entorno com gramas secas, bichinhos de plástico e outras estruturas confeccionadas pelos alunos com o restante da argila utilizada completando a decoração da paisagem.

Pode-se também utilizar tinta guache, nas paredes do vulcão, para que fique mais colorido e também simbolizem as lavas, dando assim mais realismo a maquete.

Depois do ambiente já formado e decorado, foi colocado primeiramente no interior da garrafa aproximadamente 150 ml de vinagre de álcool; 45 ml de detergente e algumas gotas de corante vermelho, para dar cor à lava.

Depois desta etapa completa, pega-se um papel toalha se dobra no meio e mais uma vez no meio, para que fique com quatro camadas de papel. Coloca-se este papel na ponta da garrafa pressionando-o no centro para que se forme na boca da garrafa um pequeno espaço central ao fundo que servirá para a colocação do permanganato de potássio (aproximadamente meia colherinha de chá). Esta substância (permanganato de

potássio) depois de alguns segundos em contato com o ar sofrerá uma reação química e assim, iniciará uma pequena fumaça que vai aumentar gradativamente até pegar fogo e atingir o papel.

Esta etapa da experiência simboliza os primeiros passos para que o vulcão entre em erupção, ou seja: os tremores (que não acontecem neste experimento) e uma pequena fumaça que logo aumenta até o surgimento das lavas.

Após toda a queima do papel na boca do vulcão, espera-se alguns instantes para que este esfrie limpando-a com cuidado. Então com a ajuda de uma colher, coloca-se o bicarbonato de sódio dentro da garrafa, para que, ao entrar em contato com o vinagre de álcool já dentro da garrafa ocorra uma reação química, manifestada pela efervescência dos mesmos, simbolizando a erupção de um vulcão.

Então, com a observação e discussão sobre todos os fenômenos ocorridos no vulcão foi finalizado este experimento.

#### **4) Estudo das Bactérias**

**Objetivo:** Conhecer melhor as bactérias; Discutir sobre a importância das bactérias no meio ambiente.

Para motivar a participação de todos sobre o tema, iniciamos com imagens de bactérias, tentando colher seu conhecimento prévio sobre elas. Em seguida, dividimos a turma em grupos de quatro e disponibilizamos alguns materiais de laboratório para a realização do experimento: crescimento de bactéria em meio de cultura caseiro.

##### **Materiais utilizados:**

Gelatina incolor; açúcar; placa de petri ou um recipiente de vidro/transparente com tampa; água quente, água fria, iogurte natural.

##### **Procedimentos:**

Primeiramente foi necessário prepara o meio de cultura para bactérias. Participamos em cada grupo auxiliando na colocação de água quente no recipiente (cuidados no uso de água quente) para misturar com a gelatina e um pouco de açúcar, em seguida essa mistura foi colocada na placa de petri. Esta ação pode ser realizada com parte do grupo ou com todos para que todos conheçam o processo. Enquanto isso, outra parte do grupo (ou todos) com o auxílio de um cotonete, escolhem uma área na escola para coletar as bactéria e fazer o esfregaço (isto é, esfregar o material coletado no meio

de cultura – a gelatina na placa de petri) para observar o crescimento de bactérias e fungos. Alguns escolheram suas próprias mãos, outros moedas, bebedouros, corrimão, entre outros. Depois de esfregado o lugar, o cotonete foi colocado num tubo de ensaio com água para que as “possíveis” bactérias ali existentes pudessem ser dissolvidas e posteriormente esfregadas na placa com as culturas de gelatina.

As placas foram colocadas num lugar escuro e conservadas quentes (se houver estufa, se não, podem permanecer em um local maisquentinho da sala e mesmo embrulhadas) para que elas pudessem crescer. Após 15 dias, na outra reunião do Clubinho, os alunos puderam observar o crescimento de colônias de bactérias. Nova discussão foi realizada.

Na sequência, provocamos os alunos sobre a possibilidade de “comer bactérias”. Nesta tarde, com o iogurte natural que compramos no supermercado e um litro leite quente, fabricamos um litro de iogurte. Levamos para a sala de aula uma degustação, pronta de casa, mas realizamos a atividade com eles para que pudessem conhecer o processo. Alguns deles não quiseram experimentar, mesmo sabendo que o iogurte era igual ao que costumam tomar comprado no mercado.

## **5) Bingo da Natureza**

**Objetivo:** Discutir sobre ecossistemas, cadeia alimentar e relações ecológicas.

Mostrar como atividades lúdicas fazem do ensino/aprendizagem uma atividade prazerosa e estimulante.

### **Materiais e Métodos**

Papel cartolina; E.V.A; Papel cartão colorido; Contact para acabamento e proteção das cartelas; Impressão de imagens coloridas para montar as cartelas (de acordo com o tema abordado no bingo). As informações necessárias sobre cada uma das imagens para proceder a chamado dos itens no bingo.

É necessário construir a cartela contendo 5 colunas com um título em cada uma delas e sua cor respectiva – (típicas de jogo de bingo). Cada coluna contém um representante de acordo com o tema a ser tratado. Em nosso bingo por tratarmos da natureza continha: mamífero (cor amarela); de aves (cor branca); frutas (cor verde); ecossistemas (cor rosa) e conceitos ecológicos (cor azul), e abaixo de cada título tinham 5 nomes correspondentes ao tema. Eram intercalados em cada coluna, um quadrinho

com imagem e um com informação descrita. Esta forma de apresentação da cartela conferiu-lhe maior leveza, exigindo maior atenção do aluno, pois ora poderia ser uma informação para pensar na cena e ora para perceber a informação.

Os cartões contendo os conceitos dos temas tratados ficam nas mãos da professora. Em nosso bingo são 10 cartões para cada coluna, com as cores respectivas das colunas.

### **Metodologia/Procedimento**

O Bingo da natureza foi realizado com 3 turmas (601,602 e 701), mas pode ser utilizado para todas as turmas para tratar de temas diversos. Foi entregue para cada aluno uma cartela (típicas de jogo de bingo). Neste jogo tratamos de ecossistemas e assim usamos imagens diversas da natureza.

À medida que a professora lê o conceito descrito no cartão, os alunos devem localiza-lo na cartela de acordo com a descrição e, caso o encontrem, marcam-no com um pedacinho de E.V.A. (substituindo o tradicional feijãozinho) entregue para todos no início do jogo.

### **Considerações Finais**

A experiência vivenciada pelos acadêmicos inseridos no PIBID tem sido descrita por eles mesmos como de altíssima relevância na sua formação. A partir de sua entrada no Programa, seu olhar passou a ser mais aguçado para as formas de ensinar e aprender tanto na escola, onde estão vivendo esta experiência, como na própria graduação, onde, na posição de aluno, começam a perceber suas próprias ações e reações de acordo com o que acontece em aula.

De acordo com os bolsistas, os momentos passados na escola observando as turmas e os momentos de reflexão a partir de suas experiências e dos textos discutidos nas reuniões na universidade, têm contribuído para a sua formação como professores porque conseguem entender o sentido de muitas leituras que haviam feito no início da graduação sobre aprendizagem que, na época, pareciam não significar nada e hoje, cada artigo, parece descrever o que observam dentro da sala de aula.

Quanto às atividades desenvolvidas com os alunos e aos materiais preparados, segundo seus próprios depoimentos, servem para trabalhar o conteúdo para as crianças

na escola, mas acima de tudo, os ajudam também a melhor entender o assunto nele embutido. Das atividades desenvolvidas no Clube de Ciências sobre fósseis, meio ambiente, vulcão, bactérias e o bingo da natureza, os relatos são unânimes indicando a eficácia na aprendizagem sobre os conteúdos próprios de cada um deles. Além disso, ficavam surpresos com a criatividade e participação dos alunos na realização das atividades, bem como, do conhecimento que alguns deles possuíam em determinados aspectos dos conhecimentos exigidos nos experimentos.

Cabe destacar também como relevante a participação e interesse demonstrado na execução das atividades, que segundo os bolsistas, é bem diferente do que ocorre em sala de aula, quando os alunos ou ficam passivos, ou conversam, ou mostram pouco interesse nas discussões propostas. Observam que nas aulas em que são utilizados materiais diferentes, os alunos mostram maior interesse e participação. Devido a essas observações, uma de suas ações na escola é contribuir com a professora da sala de aula na elaboração de estratégias e materiais para que mais aulas diferenciadas ocorram. E isso, sem dúvida, é apontado como enriquecedor de sua formação como profissionais.

Desse modo, neste relato de experiência, podemos concluir que a utilização de atividades mais dinâmicas, onde haja a participação do aluno, onde ele pode manifestar-se, criar e até divertir-se, aplicadas ao dia a dia de uma sala de aula estimula o processo aprendizagem trazendo benefícios para todos, alunos, professor e para a própria escola. Pode-se concluir que a experiência vivida pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (Pibid) entra na sua vida como importante complemento de sua formação como professor.

Quanto ao Clube de Ciências tem se mostrado excelente espaço para a aprendizagem de conhecimentos científicos e estimulador de mentes pensantes e curiosas que estão atentas ao seu mundo e seu entorno. Além disso, torna-se um local em que os alunos frequentam porque gostam, ampliando seu conhecimento e distanciando-os dos riscos que a ociosidade oferece.

Assim, entendemos que o projeto, no seu espaço de abrangência, contribui, para a aproximação dos saberes teóricos e práticos, consolidando a formação deste profissional que, de acordo com os autores estudados, a cada dia precisam construir sua profissão. Ser professor na sociedade atual implica na superação de entraves e a

participação dos licenciandos na vida da escola e da sala de aula contribui para proporcionar a superação desejada.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. M. P. de et al. **Ciência no Ensino Fundamental: O conhecimento físico do mundo**. São Paulo: Scipione, 2007.
- CARVALHO, A. M. P. de; GIL-PÉREZ. **Formação de Professores de Ciências: Tendências e inovações**. São Paulo: Cortez, 1998.
- CARVALHO, Wanderlei (Org.). **Biologia: o professor e a arquitetura do currículo**. São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola Ltda, 2000.
- FOUREZ, G. Crise no Ensino de Ciências? **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 8, n. 2, p. 109 -123, 2003.
- LONGHI, Adriana; SCHROEDER, Edson. Clubes de ciências: o que pensam os professores coordenadores sobre ciência, natureza da ciência e iniciação científica numa rede municipal de ensino. **Electrónica de Enseñanza de Las Ciencias**, v. 11, p. 547-564, set. 2013.
- MALDANER, Otávio Aloísio. Situações de estudo no ensino médio: nova compreensão de educação básica. In: NARDI, Roberto (Org.). **A pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: Alguns recortes**. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.
- MANCUSO, Ronaldo (Coord.); LIMA, Valderez Marina do Rosário; BANDEIRA, Vera Alfama. **Clubes de Ciências: criação, funcionamento, dinamização**. Porto Alegre: SE/CECIRS, 1996.
- MENEZES, Celso. **Clubes de Ciências como espaço de Alfabetização Científica e Ecoformação**. Atos De Pesquisa Em Educação - Ppge/me, v. 7, n. 3, 2012.
- SANTOS, J. et al. Estruturação e consolidação de Clubes de Ciências em escolas públicas do Litoral do Paraná. **II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. 07 a 09 de outubro de 2010.
- SCHNETZLER, R. P. Práticas de ensino nas ciências naturais: desafios atuais e contribuições de pesquisa. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves et al. (Org.). **Didática e Práticas de Ensino: Interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, L. H. de A; SCHNETZLER, R. P. A mediação pedagógica em uma disciplina científica como referência formativa para a docência de futuros professores de Biologia. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 57-72, 2006.
- TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, 2000.